



## A (AUTO)NARRATIVA DE VIDA COMO MÉTODO REFLEXIVO DOS PAPÉIS IDENTITÁRIOS DE PESQUISADORAS FEMINISTAS

Gabriela Rabello de Lima<sup>1</sup>  
Consuelo Vásquez<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta o método de (auto)narrativa de vida e o utiliza em um estudo empírico. Neste estudo, explora-se a experiência da Autora, pesquisadora que sobreviveu a violência de gênero. Como método de autoetnografia, a (auto)narrativa de vida materializa a reflexividade de sujeitos que têm sido historicamente usados como objetos, através da compreensão dos elementos de suas identidades e alteridades. Assim, este trabalho demonstra a construção metodológica da ferramenta que foi baseada no método narrativo sugerido por Montgomery (2016). Com base nos resultados, argumenta-se que a aplicação do método de (auto)narrativa de vida possibilita as pesquisadoras envolvidas compreender suas identidades como dúbias e/ou fluidas. A conclusão do presente estudo estimula novas pesquisas na área e auxilia a pesquisadoras racializadas a desenvolverem suas pesquisas por meio de uma compreensão profunda dos significados de seus papéis identitários.

**Palavras-chave:** (auto)narrativa de vida, reflexividade, identidade.

**Abstract:** This work presents the (auto)biographical narrative method and uses it in an empirical study. In this study, the experience of the Author, a researcher who has lived gender violence, is explored. As an autoethnography method, the (auto)biographical narrative materializes the reflexivity of subjects who have been historically used as objects, through the comprehension of their identities' and alterity's elements. Thus, this paper demonstrates the methodological construction of the tool which was based on the narrative method suggested by Montgomery (2016). Based on the results, it is argued that the application of the (auto)biographical narrative method enables the involved researchers to comprehend their identities as dubious and fluid. The conclusion of the present study stimulates further research in this area and helps racialized researchers to develop their research through a deeper comprehension of the meanings of their identity roles.

**Keywords:** (auto)biographical narrative, reflexivity, identity.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e mestra em Comunicação pela Université du Québec à Montréal. Graduada em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Seus interesses de pesquisa incluem a área de Gênero, Política externa, Comunicação Política e Comunicação Organizacional. Atualmente é pesquisadora membro do Institut de recherches et d'études féministes (IREF); Groupe de Recherche sur la Communication Organisée (RECOR) e da Red Latinoamericana de Investigación en Comunicación Organizacional (RedLaco).

<sup>2</sup> Professora titular de Comunicação Organizacional no Departamento de Comunicação Social e Pública da Université du Québec à Montréal. Seus interesses de pesquisa incluem etnografia, a constituição comunicativa das organizações e epistemologias do Sul. Coordena o projeto de pesquisa "Mapeando la Comunicación Organizacional en América Latina". É cofundadora do Groupe de recherche sur la communication organisée (RECOR) e da Red Latinoamericana de Investigación en Comunicación Organizacional (RedLaco).

## Introdução

Os recentes avanços no domínio de estudos de gênero, raciais e *queer* possibilitaram a expansão de narrativas não dominantes em espaços hegemônicos científicos. As novas perspectivas vão além daquelas frequentemente colocadas em um ponto de vista essencialista que mantém aspectos binários e eurocêntricos na academia (Akotirene, 2019; Chinn, 2010). Além disso, esses avanços possibilitam que novas vozes alcancem legitimidade e autoridade de suas experiências (Hooks, 2013; Scott, 1991), ressignificando culturalmente (Simonet, 2005) narrativas não inclusivas. No entanto, ainda se existe um grande espaço de primazia de distorções e silenciamentos de mulheres pesquisadoras racializadas cujas contribuições e avanços epistemológicos, em diferentes campos de estudo, são negligenciados (Kilomba, 2019). Sueli Carneiro (2005) nomeia esse fenômeno como epistemicídio, ou seja, um movimento científico baseado em práticas de negação e expropriação da coexistência de conhecimentos de civilizações racializadas, reduzindo a/os sujeita/os detentores do conhecimento a recursos primários de pesquisa. De fato, isso contribui para a diminuição das possibilidades de trabalho com temas como justiça social e desenvolvimento, impactando diretamente uma academia desconectada da sociedade que está disposta a estudar. Já Oyèrónkẹ Oyěwùmí (1997), compreende que essa noção está também diretamente ligada a uma (bio)lógica determinística ocidental baseada em valores descritos nos corpos que marcam suas diferenças e contribuem com a manutenção de esquemas de poder, hierarquia e controle sobre certas vidas. Para a autora (1997), essa noção já apareceu desde o conceito de pólis de Aristóteles e foi materializada no final do século XX, especialmente nos Estados Unidos, quando as diferenças entre as hierarquias de uma determinada sociedade foram determinadas pelos seus aspectos biológicos de raça e gênero.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar o método de (auto)narrativa de vida como uma ferramenta de reflexão de identidades de pesquisadores que se encontram entre posições de sujeito e objeto de suas pesquisas. Ou seja, neste trabalho, busca-se trazer a humanização de pesquisadoras que se encontram "à margem", imprimindo sua voz de autoridade (hooks, 2013) e a importância de suas experiências em

suas investigações. Para isso, pretende-se focalizar o protagonismo da Autora<sup>3</sup>, possibilitando o reconhecimento de sua voz, especificidades e conhecimentos. Para tanto, consideramos os marcadores interseccionais de orientação sexual, raça e nacionalidade como elementos que dizem respeito ao posicionamento científico da Autora. Ela, ao identificar esses marcadores, estabelece relações com sua responsabilidade de pesquisa, orientadas para a políticas públicas de combate à violência de gênero. Além disso, o método de (auto)narrativa de vida é compreendido, neste trabalho, como uma prática autoetnográfica (Santos, 2017; “Autor”). Ou seja, o estudo visa destacar a importância de um método qualitativo, reflexivo de pesquisa que possibilita reformular a tradição de interpretação dos processos de pesquisa hegemônicos, essencialistas e estáveis (Ettorre, 2016) através próprio processo interpretativo de investigação das autoras (Alvesson; Skoldberg, 2017).

Assim, o estudo será desenvolvido em três etapas. Primeiramente, demonstra-se como o método de (auto)narrativa de vida é entendido como ferramenta de autoetnografia, por meio da teoria que contribui para esse argumento. Para tanto, serão apresentados os elementos que lhe dizem respeito, enfatizando os fundamentos que norteiam o caso por meio de paradigmas feministas, reflexivos e de estudos raciais. Em seguida, apresenta o método a partir de referencial metodológico construído por Montgomery (2016). O artigo aprofunda-se nesta etapa, visando indicar quais elementos precisam ser levados em consideração para a aplicação do método. Por fim, como terceira etapa deste estudo, pretende-se apresentar de maneira inclusiva a experiência da Autora, a partir dos principais resultados do caso empírico. Cabe menção que o artigo adotará o recurso de apresentação em primeira e terceira pessoa. Neste momento, objetivamos enfatizar a experiência reflexiva da Autora em sua pesquisa, permitindo-lhe ilustrar quais as representações identitárias que a pesquisadora têm com sua investigação. Para isso, optou-se por mencionar com recurso de notas de rodapé os trechos pelos quais a Autora trouxe informações verbais registradas em vídeo no seu caso.

---

<sup>3</sup>Para este trabalho, vamos capitalizar Autora como sinônimo da autora principal deste estudo. Isso nos permite enfatizar seu protagonismo na pesquisa científica, a partir da orientação de sua diretora, coautora do manuscrito.

Assim, o artigo procura focalizar a construção do método por trás do estudo de caso, destacando, principalmente os seus fundamentos metodológicos. Pretende-se que essa contribuição colabore como fonte para incentivar a outras pesquisadoras racializadas a refletirem sobre seus papéis de identidade e alteridade em suas pesquisas, permitindo que suas experiências se distingam de abordagens essencialistas na academia.

### **A (auto)narrativa de vida como método autoetnográfico**

Permitir que eu identificasse qual seria o meu posicionamento identitário em minha pesquisa me ajudou a entender quais são os meus pontos de vista do estudo da questão das políticas públicas relacionadas à violência contra a mulher (Trecho de relatório (auto)etnográfico escrito pela Autora).

A escolha do método deste estudo resultou como um convite feito durante disciplina do programa de pós-graduação em comunicação, em que os estudantes do departamento precisavam demonstrar cientificamente os elementos de identidades em seus projetos de pesquisa. Por elementos de identidade, definimos através da maneira pela qual um sujeito se define enquanto ser humano a partir de suas relações com os demais e meio ambiente (Dorais, 2004). Ainda, toda identidade surge como uma característica relacional, que se modifica através de circunstâncias de tempo, locais, interações e socializações entre contextos (Dorais, 2004; Emirbayer, 1997; Tynan, 2021). Assim, o convite permitiu a Autora analisar em evidência seu duplo posicionamento como sujeito e objeto de sua investigação, centralizando desafios já evidenciados por estudos feministas e raciais contemporâneos.

Contextualizando o caso, a Autora investiga a temática de como as políticas internacionais colaboram com a redução dos casos de violência de gênero. Para além de seu posicionamento como pesquisadora-sujeito de sua investigação, a Autora também se posiciona como objeto de estudo, uma vez que perdeu a sua mãe por conta de feminicídio no ano de 2014 e que, na mesma circunstância, sofreu violência física. De acordo com Scott (1988), entende-se que hoje nenhum estudo científico torna-se neutro, pois todos os pesquisadores carregam em si posicionamentos, questionamentos e possibilidades de

estudo de um ângulo ainda desconhecido de um determinado fenômeno<sup>4</sup>. Ou seja, a experiência da Autora permite compreender de que todo o desenvolvimento de pesquisa parte de um conhecimento situado (Collins, 1990; Harding, 2009) e posicionado a partir de determinado fenômeno.

Assim, métodos baseados em trabalhos autoetnografia e autobiográficos como a (auto)narrativa de vida surgem enquanto ferramentas emergentes para o preenchimento de lacunas que não podem ser respondidas a partir da aplicação de estudos empíricos tradicionais de pesquisa (Santos, 2017; “Autor”). Santos (2017) reflete sobre como a autoetnografia e os estudos autobiográficos são uma fonte de apropriação epistemológica para escritores negros, especialmente em relação à sua potencialidade de resgatarmos memórias silenciadas com legados coloniais. Segundo o autor (2017), os trabalhos escritos por pesquisadoras negras adquiriram robustez na área de estudos do feminismo negro, reorganizando discussões sobre temas como desigualdades, violência e opressão.

Já Brun (2003) permite entender que o método de história de vida ou narrativa de vida é um método de autoeducação, no qual adquirimos uma identidade do mundo em que vivemos, permitindo o reconhecimento do sujeito a fim de nos orientarmos em diferentes perspectivas de análise. Basile (2012) aprofunda esse entendimento, baseando-se no fato que a construção dessas metodologias é construída a partir das filosofias dos povos originários, uma vez que utiliza recursos da oralidade para coletar as experiências sobre diferentes fenômenos do passado. Por isso, reconhecemos nesse trabalho que o método de (auto)narrativa de vida é uma metodologia reflexiva e crítica, pois suas principais características são os processos de interpretação e reflexão sobre os fenômenos estudados a partir do posicionamento de cada pesquisador/a (Alvesson; Skoldberg, 2017).

Com isso, o artigo considera que a escolha do método de (auto)narrativa de vida situar o estudo no campo feminista, pois (i) cria espaços autorreflexivos de experiência; (ii) demonstra ativamente que cada experiência está subjacente a um aspecto político; (iii) possibilita compreender a escrita como um ato performativo, comprometido com o futuro

---

<sup>4</sup> Scott (1988), evidência esse elemento a partir do exemplo do estudo de caso da terminologia de gênero. Segundo a autora, o termo gênero vem sendo usado com imprecisão conceitual a depender de seu contexto histórico aplicado, muitas vezes rejeitando a sua originalidade gramatical que possibilita o uso do termo através de diferentes possibilidades ainda não usadas na academia.



da mulher em suas diversas interseções; e (iv) ajuda a ampliar a consciência sobre temas que ainda estão sendo precariamente discutidos, mas que precisam ser abordados para reduzir as desigualdades estruturais de gênero (Ettorre, 2016, p. 4). Ettorre (2016) destaca as contribuições de Gloria Anzaldua ao atribuir que a autoetnografia é um trabalho que circunscreve fronteiras. Fazer este método é pertencer ao estado entre duas culturas, espaços e concepções, sendo adição e contradições ao mesmo tempo (Ettorre, 2016, p. 5). A este aspecto, Anzaldua atribui o termo *mestiça* para corresponder a este estado da fronteira. No entanto, dada a contribuição epistemológica de autoras negras neste trabalho, como Kilomba (2019), utilizaremos o termo sujeito-objeto ou *insider-outsider* (Lorde, 1984) para nos referirmos a esse mesmo termo<sup>5</sup>.

Assim, a Autora ao identificar-se enquanto pesquisadora negra, entende que a conexão com estudos raciais permite descrever o método de (auto)narrativa de vida como uma forma de desenvolver narrativas sobre o pertencimento a um grupo, a partir da perspectiva de quem está escrevendo (Santos, 2017, p. 218). Esse espaço de pertencimento, que também se entende enquanto identitário passa por um processo reflexivo de exposição, transição e resistência às suas experiências (HOOKS, 1989). Por exposição, entende-se que, mesmo quando há uma oportunidade de narrar suas experiências, as vozes das pessoas racializadas são consideradas cientificamente insignificantes. Isso, segundo hooks (1989), muitas vezes coloca os indivíduos em situações de medo e ridicularização, sem que mudanças sejam feitas em prol de justiça a estes povos. Por isso, faz-se necessário ampliarmos estudos que valorizem saberes do Sul e filosofias indígenas e africanas Que Busquem Contestar Conhecimentos Hegemônicos (RIBEIRO, 2015; SANTOS, 2017)

Por outro lado, segundo hooks (1989) para a transição no processo reflexivo de identidade é preciso compreender que tornar-se objeto de seu próprio processo de estudo implica gerar refletir e retomar a consciência dos mecanismos de exploração e controle

---

<sup>5</sup> Kilomba torna possível destacar como certas terminologias e nomes foram adicionados de forma pejorativa na cultura ocidental para desumanizar pessoas escravizadas e desumanizadas antes da abolição da escravatura. Entre essas palavras está o termo Mestizo, comumente usado para se referir a pessoas que pertencem a duas origens étnicas, onde a maioria corresponde a um fundo racializado e a outra a um fundo hegemônico. De acordo com a autora (2019), o mestiço vem da mistura do burro animal com uma pessoa, e o uso frequente desse termo, mesmo que a maioria das pessoas não entenda sua origem, reforça o estereótipo de dominação e opressão de diferentes culturas sobre as outras.

que estas pessoas vivenciam cotidianamente. Por exemplo, ao identificar-se enquanto pesquisadores negros, muitos acadêmicos entendem os desafios que se torna realizar pesquisas aplicadas a este campo, por entender que os marcadores sociais do racismo se encontram como estruturantes no modelo de sociedade contemporâneos (Almeida, 2019). Por isso, aplicado ao contexto da pesquisa, foi importante identificar quais narrativas foram destacadas no percurso acadêmico da Autora, além de quais palavras foram silenciadas devido à inexistência de espaços de estudos críticos em que esta tivesse liberdade e segurança psicológica de expor suas experiências. Por fim, o processo de identificação segundo hooks (1989) atravessa os elementos de resistência que evidenciam uma oportunidade de solicitação de espaço intelectual. Promovendo a renúncia à segurança em torno de sua exposição aos sujeitos de pesquisa, as pesquisadoras racializadas assumem o privilégio de trabalhar com questões que lhes dizem respeito e que atingem outras mulheres em contextos semelhantes de dominação e subordinação sistêmica (hooks, 1989). Assim, entende-se que a produção deste estudo também colaborara a materializar insumos através de evidências empíricas outra/os pesquisadora/es racializada/es, para possibilitar o caráter reflexivo com que o método científico é carregado (Santos, 2017, pg. 233)

Assim, esta pesquisa considerou as ideias centrais de um estudo autoetnográfico que (i) compreende os limites do conhecimento científico; (ii) conecta a experiência da Autora com percepções relacionais com a sociedade; e (iii) utiliza-se do instrumento de autorreflexão a partir das implicações éticas do trabalho investigativo. Isso permitirá que essas diferentes perspectivas sejam objeto de estudo proposto, preservando a complexidade do fenômeno estudado (Alvesson; Skoldberg, 2017).

## **A construção do método de (auto)narrativa de vida**

Para a construção do método de (auto)narrativa de vida adaptou-se um questionário de entrevistas de narrativas de vida descrito por Montgomery (2016). Segundo a autora (2016), este método serve como recurso para compreender realidades interculturais como a de pessoas em contextos de migrações, estabelecendo relações e pontos-chaves com o passado, o momento presente e as projeções dessas pessoas em seu

novo local escolhido. Assim, adaptou-se as questões de seu método para compreender como pessoas racializadas sofrem diferentes processos de violência, muitas vezes afastando-as de seus espaços físicos, psicológicos e epistemológicos para estabelecê-las nas margens desses territórios.

O método de (auto)narrativa de vida pode ser desenvolvido em quatro etapas. Na primeira etapa, sugere-se que o pesquisador identifique uma pessoa que será colaboradora na sua pesquisa para auxiliar na aplicação da metodologia (Montgomery, 2016). Para isso, um convite é enviado a pessoa, explicando a proposta do método. Uma vez aceito, é enviado um formulário reflexivo (figura 01) que ajudará a pessoa colaboradora a entender o que será trabalhado. Essa etapa possibilita que a pesquisadora verifique quais valores a pessoa colaboradora têm para auxiliar no processo autorreflexivo de sua experiência. No contexto de uma narrativa (auto)narrativa de vida, sugere-se que a pessoa colaboradora seja alguém que ofereça segurança psicológica à pesquisadora e, se possível, ambos pertençam a um grupo minoritário, ampliando as percepções de retorno após a aplicação desse método.

Figura 01: Formulário de identificação do colaborador na aplicação do método

1. Quais são os principais elementos ou valores que definem a minha identidade?
2. Como eu definiria minha cultura?
3. Quais são os tipos de situações que mais me confrontam em meus valores?
4. Apresento minha identidade ou cultura de forma diferente de acordo com as circunstâncias, como o contexto da interação ou a pessoa com quem estou interagindo?  
Fornecer exemplos

Fonte: extraído de Montgomery (2016, p.237).

Na segunda etapa, sugere-se que a pesquisadora desenvolva uma grade de entrevistas que dialogue com seu projeto de pesquisa a partir de três momentos. O primeiro momento do estudo de caso é baseado nas experiências educacionais e pessoais anteriores a situação de violência que a Autora vivenciou. Esse momento permitirá à pesquisadora compreender como sua história de vida tem contribuído para a construção de suas referências, valores e identidade (Montgomery, 2016). Segundo Montgomery



(2016) a primeira etapa do questionário possibilita perceber quais valores identitários podem ter sido resignificados após o evento que afetou a sua vida. No contexto do estudo empírico, o período do quadro de entrevista foi destacado desde a infância até o momento em que a pesquisadora sofreu a violência (Figura 02).

O segundo momento desta etapa aborda a temporalidade que se visa compreender direcionada e as experiências da pessoa entrevistada. Montgomery (2016) destaca que a aplicação desse método com a população imigrante pode ser feita por meio da inclusão de conexões com o período da vida anterior à migração, oferecendo a identificação de pontos de adversidade que a pessoa experimentou durante esse período. No contexto da pesquisa, o foco principal foi sobre as percepções que a Autora tinha quando se percebeu a ausência de sua mãe, além de sua rápida e forçada transição a fase adulta, após o episódio de violência ocorrido em sua vida (Figura 02). Também, para o contexto do estudo, o objetivo neste momento foi compreender quais apoios a pesquisadora recebeu durante esse período.

Por fim, como terceiro momento do questionário, recomenda-se que a entrevista seja focada nas opiniões, perspectivas e sonhos de futuro que a pessoa tem em relação à sua vida (figura 02). Espera-se que, durante essa etapa, a pesquisadora compreenda em uma linha do tempo como sua trajetória de vida carrega valores, experiências e, por muitas vezes, traumas que a posicionam de forma diferente de outros pesquisadores que não vivenciaram situações semelhantes às suas. Montgomery (2016) sugere que essa etapa que possa ser verificado como a pessoa projeta seu futuro, a localizando-a no presente, com suas percepções e valores adquiridos até o momento. Neste estudo empírico, focalizamos os elementos que demonstram como a Autora acredita que retomou sua vida após a perda de sua mãe e o ato de violência sofrido; como ela escolheu sua carreira e quais elementos a Autora se vê em sua pesquisa (Figura 02). Abaixo está o referencial de (auto)narrativa de vida mencionado utilizado no contexto do estudo empírico em questão.

Figura 02: Questionário de (auto)narrativa de vida

Fase	Perguntas
Contexto da infância e pré-violência	<p>1. Conte-me um pouco sobre sua vida, começando pela infância. Quais foram os principais eventos e pessoas importantes?</p> <p>2. Que valores você acredita que traz de sua família?</p>
A vida adulta e o episódio de violência + a perda de um membro da família	<p>3. Qual foi a sua primeira impressão quando se viu como um adulto?</p> <p>4. Suas impressões de si mesmo mudaram depois que seu membro da família faleceu?</p> <p>5. Você teve algum amigo ou pessoa que passou pela mesma situação?</p> <p>6. Quais foram as principais pessoas que a apoiaram depois que seu familiar faleceu?</p> <p>7. Diga-me a lembrança mais proeminente do seu período de luto.</p> <p>8. Do que você mais sente falta do momento anterior que você viveu e hoje?</p>
Interesse profissional e construção da vida profissional	<p>9. Como você sente que a perda de seu familiar moldou sua vida?</p> <p>10. Se puder, nomeie as pessoas (2 ou 3) que foram mais importantes durante esse período para fornecer o suporte de que você precisava. Quem são? Eles têm uma família? Que tipo de atividades vocês fizeram juntos?</p> <p>11. Por que você escolheu sua carreira?</p> <p>12. Quais foram as razões pelas quais você escolheu estudar em outro país?</p> <p>13. Quais são seus maiores objetivos com sua pesquisa?</p> <p>14. O que você acha que é o maior desafio na análise de dados por pesquisadores que não sofreram violência? Você</p>

	<p>acredita que há diferenças de tratamento com pessoas que sofreram ou não violência?</p> <p>15. Você acha que, por ser uma mulher racializada, há alguma diferença na forma como você percebe seu trabalho em comparação com outros pesquisadores que podem estar estudando o tema e não fazem parte de uma população minoritária?</p>
--	--

Fonte: Adaptado de Montgomery (2016)

Após a construção do questionário, na terceira etapa da (auto)narrativa de vida é sugerida a validação e aplicação do método. Em relação à validação e aplicação do quadro para a entrevista de uma (auto)narrativa de vida, recomenda-se que este seja encaminhado para revisão por pares de professores da área de estudo, que tenham expertise no contexto de investigação e aplicação de métodos qualitativos. No estudo de caso proposto, o questionário foi submetido a avaliação por pares revisado e adequado por duas professoras especialistas na área. Também foi elaborado um termo de consentimento para a participação da pessoa colaboradora para que os dados coletados durante a análise pudessem ser divulgados de forma pública. Recomenda-se que a entrevista seja gravada, preferencialmente em forma de vídeo para que a pesquisadora possa se ver a partir de um olhar de ouvinte. Isso permitirá que a pesquisadora/entrevistada tenha a oportunidade de avaliar suas próprias reações e refletir sobre o material empírico. Nesta etapa, a pesquisadora terá a oportunidade de analisar a si a partir da leitura de sua própria experiência passada e de sua exposição como *insider* em sua pesquisa. Um elemento importante para a condução da (auto)narrativa de vida nessa etapa é solicitar a pessoa colaboradora que fará a entrevista observar as mudanças na postura da pesquisadora/entrevistada e anote para auxiliar no material empírico. Por exemplo, o tom de voz, agitação e emoções, entre outras manifestações que ocorrem durante a aplicação de um método auto etnográfico podem trazer pistas e temas de tópicos que serão importantes aos pesquisadores analisar posteriormente (“AUTOR”). Além disso, ao destacar qualquer tipo de desconforto ou emoção decorrente da aplicação do método,

tanto a pesquisadora quanto a pessoa colaboradora podem interromper o processo para que esse instrumento não a reexponha a pessoa em um contexto de violação ou violência.

Assim, os elementos empíricos encontrados na entrevista colaborarão para fornecer materialidades que podem ser estudadas em diferentes contextos. Por exemplo, na aplicação do caso, a Autora pode compreender quais são suas relações de sujeito e objeto em seu tema de pesquisa e como trabalhar diretamente com o contexto de violência poderia a expor a um contexto de instabilidade emocional. Ainda, foi identificado quais os principais marcadores de identidade que a pesquisadora têm e como estes poderiam ser aplicados em sua investigação para apoiar outras pessoas que têm essas mesmas características raciais e de identidade de gênero. Também foi visto um desconforto da pesquisadora em evidenciar algumas situações, em especial no contexto de violência, o que isso a ajudou posteriormente a delimitar o seu objeto de estudo no curso de mestrado, ainda não abordando situações que a pudessem causar um adoecimento mental futuro.

Por fim, como quarta etapa do método, sugere-se que o material de análise registrado seja divulgado à comunidade científica. O método foi aplicado no em junho de 2021<sup>6</sup>, sendo posteriormente apresentado em uma disciplina de metodologia de pesquisa. Após a apresentação, sugeriu-se pelo corpo acadêmico que a construção de método reflexivo fosse transmitida e divulgada em diferentes meios científicos, especialmente para o país de origem da Autora, pesquisadora deste trabalho.

## Considerações sobre a aplicação do método

*Não me chame de mestiça! Não, eu não sou uma mestiça. Meu corpo transita no fluido, constantemente entre identidades nas quais pertenço.*

*Não me chame de mestiça, Kilomba já disse!  
Quando você me chama de mestiça, você nega metade da minha humanidade, epistemologia, vivências e formas de existir neste mundo.*

*Sim, eu trânsito enquanto sujeito-objeto, mas essa transição só existe, pois o sujeito canônico ainda é pouco objetivado.*

*Não, não me chame de mestiça. Eu carrego em minhas vivências metade das quais você poderia ou pode vivenciar.*

*Não me chame de mestiça, minha vivência é não-binária, mas eu escolho torna me minha identidade objeto, pois só assim*

---

<sup>6</sup>A gravação do material pode ser acessada pelo público no URL: “AUTORb”

*eu vejo possibilidades de diálogos em mundos que não querem coexistir,  
Não me chame de mestiça.  
Enquanto seres da casa grande gerarem vidas na/com a senzala,  
nós teremos a chance de rescrever histórias juntos.  
Não me chame de mestiça, sou fluida, sou humanidade, sou política, sou vivência.  
Não me chame de mestiça,  
Não me chame de  
Me chame de  
Me chame.  
(Texto lírico retirado de relato etnográfico da Autora).*

O texto literário que abre esta seção nasceu após a reflexão da Autora em relação à aplicação deste método. Entende-se que a evidência da transição identitária da Autora é o principal elemento que surge após a análise, trazendo à tona o seu “empoderamento”, mas também a renúncia a um espaço que a situa enquanto estudo a ser explorado em relação à sua pesquisa. Diante deste contexto, os principais resultados encontrados serão apresentados em primeira pessoa. Para tanto, considerando que os objetivos de exposição deste resultado é destacar o método proposto autoetnográfico e não expor a história de vida da Autora. Assim, objetivamos apresentar os resultados da aplicação do método de forma resumida, que podem ser melhor consultados a partir de indicação de registro de gravação, adicionado através do recurso de notas de rodapé como informação verbal. Assim, procurou-se destacar a aplicação do método pela Autora, bem como suas reflexões, a respeitando-a tendo em vista da pesquisadora ser uma mulher sobrevivente. Entende-se que, devido à sua renúncia ao anonimato, expondo a gravação de sua entrevista, a decisão de não transcrever os trechos no trabalho contribui para que a experiência de vida da Autora não seja tratada somente como um dado exploratório, de forma exotizada.

Portanto, como primeira consideração, a partir das reflexões de aplicações pessoais desse referencial metodológico, percebi a importância da territorialidade como elemento decisivo da minha reconstrução identitária. Estar pesquisadora simbolicamente fora do contexto local onde cresci e fui exposta à violência me deu coragem e segurança para estudar um tema relacionado com o meu caso. Eu quebrei o silêncio de minha identidade dentro da minha experiência de pesquisa e isso me permitiu entender a potencialidade de refletir sobre o meu papel social junto a academia. Ser uma mulher

negra, sobrevivente de violência no Brasil é dar a voz a uma pessoa que experienciou estar em uma estatística de cerca de três pessoas por dia no país. Além disso, a importância que a instituição de ensino na qual estou vinculada teve em me incentivar expor o método para avançar em meus estudos, além de apoiar outras pesquisadoras através dessa materialização em forma de estudo, demonstra um cuidado e valorização dos pesquisadores nesse departamento, muitas vezes despercebidos em instituições que buscam ter critérios de excelência somente na quantidade de publicação feitas. Entende-se que o método de pesquisa em autoetnografia ainda é pouco utilizado no Brasil, todavia vê-se como resposta a uma necessidade emergente de situar a/os pesquisadora/es de maneira inclusiva em seus projetos de investigação. Por essa razão, estar exposta e ter experiência com o tema em uma instituição de pesquisa no exterior foi um elemento decisivo para que este estudo de caso fosse viabilizado. “Entendo que estar conectado a um contexto acadêmico distante do meu local de nascimento me permitiu maior liberdade para buscar inovações metodológicas adequadas ao meu contexto de pesquisa” (informação verbal)<sup>7</sup>. Ainda, “percebi o quão inconscientemente eu vinha buscando esse processo de migração e construção intelectual para possibilitar um espaço de segurança predominado por valores com os quais eu não estava acostumada a conviver no dia a dia” (informação verbal)<sup>8</sup>.

O segundo ponto que pode ser evidenciado após a análise da minha entrevista foi que o método me permitiu entender como minhas percepções de identidade de gênero foram moldadas pelas experiências que tive em minha vida. “Experenciar a violência, bem como a perda de minha mãe para o feminicídio, ressignificou minha própria compreensão do que é ser mulher e o que significa o termo feminismo” (informação verbal)<sup>9</sup>. Ouvir minha própria história de vida me permitiu relembrar a compreensão do feminismo e de aspectos relacionados ao sexismo tornou-se cada vez mais evidente em meu cotidiano. No entanto, foi a partir da oportunidade de estar em contato com diferentes professores relacionados aos estudos críticos e sociais de raça que pude trabalhar os

---

<sup>7</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 46:27 às 49:50.

<sup>8</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 55:12 às 56:54.

<sup>9</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 13:01 às 15:29 e das 57:50 às 59:01.

conceitos internamente e compreender suas distinções (informações verbais)<sup>10</sup>. “Antes da graduação nunca tive professores que estudassem temas como o que eu vivenciei, mas devido a este contato, meu processo de discernimento da violência que sofri colaborou para que eu compreendesse e tivesse consciência dos elementos estruturais e sistêmicos como sexismo, machismo, racismo, etc. (informação verbal)<sup>11</sup>. Ainda em relação a este ponto, foi importante reconhecer que meu grupo de apoio foi formado por pessoas que pertencem a grupos marginalizados. Neste caso, além dos meus amigos negros que faziam parte da população (2S)LGBTQIAP+, pude receber apoio de pessoas não racializadas desta segunda comunidade. Com isso, aliado à pesquisa a que tenho acesso no momento, levou-me a perceber que a questão da violência contra as mulheres está ligada a parâmetros de gênero<sup>12</sup>, sem poder categorizá-la em termos de aspectos binários, como o sexo atribuído ao nascimento (informação verbal)<sup>13</sup>.

Como mencionado no início, percebi que além da minha identidade de gênero enquanto mulher e racial enquanto afrodescendente somente era um elemento adicional junto a minha origem latino-americana (informação verbal)<sup>14</sup>. Em relação a esses elementos, percebi, especialmente durante os primeiros segundos de minha entrevista, que meus exemplos de feminilidade foram estabelecidos a partir do contexto materno (junto a minha mãe - mulher branca de origem popular e à minha irmã - mulher branca com deficiência), mas também junto a professoras durante este contexto de estudos. Esses elementos, combinados com o fato de que eu cresci a partir de um olhar de educação de uma mulher não negra (informação verbal)<sup>15</sup>, tornam possível que hoje eu considere o feminismo e os estudos de gênero como uma das minhas principais agendas de pesquisa, mesmo que os estudos raciais estejam presentes em minha narrativa e busca de letramento

---

<sup>10</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 15:57 às 17:45, 19:55 às 21:39 e 33:55 às 34:33.

<sup>11</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 17:46 às 20:15, 32:33 às 33:34 e 39:59 às 41:49.

<sup>12</sup> Este ponto foi decisivo na escolha e recorte de pesquisa, fazendo com que minha dissertação fosse aliada ao tema de (trans)feminismos.

<sup>13</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 35:22 a 36:24.

<sup>14</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 3:56 às 4:50, 37:07 às 37:58 e 45:10 às 46:00.

<sup>15</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 5:07 s a 7:28 s e 10:22 a 12:09.

racial continuo<sup>16</sup>. “No entanto, a ruptura da minha ligação com minha mãe devido à sua morte por violência me expôs abruptamente à compreensão de como eu sou lida socialmente no meu contexto, impossibilitando a condução do meu trabalho sem ter como referências autoras negras que estudam o feminismo negro e decolonial” (informações verbais)<sup>17</sup>.

O terceiro elemento a destacar foi que pude evidenciar como *insider* em minha pesquisa como as mulheres que sobrevivem situações de violência são, na maioria dos casos, desumanizadas cotidianamente como objetos de estudos (informações verbais)<sup>18</sup>. Ao rever e analisar a gravação, percebi quantas vezes me vi como uma estatística e não como um ser humano. “Devido ao despreparo de muitas instituições, como os centros que acolhem mulheres que passam por situações de violência, além de participar de alguns simpósios que mulheres foram banalizadas ou reexposta, vivenciei essa desumanização em mais de um momento” (informação verbal)<sup>19</sup>. Em um dos trechos da (auto)narrativa de vida, menciono que me tornei uma estatística e isso contribuiu para que meu período de estresse pós-traumático fosse reforçado em várias outras ocasiões. Por exemplo, os serviços de emergência muitas vezes não estão preparados para acolher essas mulheres sobreviventes com técnicas específicas que a ajudem e não reforcem sua revitimização. Ou também em locais de contexto de autópsias que por muitas vezes essas mulheres são expostas a locais de fácil acesso a verem corpos que foram mortos ou também podem encontrar outros agressores nestes locais em que elas estão.

Por esses motivos, vejo que meus objetivos de pesquisa decorrem de um ativismo social por justiça que interrompa discursos hegemônicos e pessoas que sofreram algum tipo de violência possam ser humanizadas. Refletir sobre as experiências de minha vida permitiu materializar vivências que muitas vezes são narradas através de olhares hegemônicos, essencialistas que retiram parte do significado real ou passam despercebidas a pessoas que trabalham e pesquisam o assunto de gênero e violência.

---

<sup>16</sup> A leitura de identificação racial em minha vida nunca foi um fator de discussão em meu lar, em que muitas vezes, as situações em que eu vivi foram pessoalizadas e adicionadas em exemplos individuais, não me fazendo entender os motivos por quais certas violências raciais aconteceram comigo.

<sup>17</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 44:36 às 45:26.

<sup>18</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 23:35 às 25:39 e 29:59 às 32:33.

<sup>19</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 42:47 às 44:29 e 53:36 às 55:04.



Assim, ter a experiência de ser uma *insider* e, ao mesmo tempo, ser capaz de se tornar uma *outsider* como pesquisadora cotidianamente me possibilita a reflexão e a análise do fenômeno através de ambas as perspectivas (informação verbal)<sup>20</sup>.

## Reflexões Finais

A apresentação do método de (auto)narrativa de vida neste artigo baseia-se no princípio de que é necessário adotar uma postura crítica e reflexiva em relação ao processo de investigação junto aos pesquisadores de qualquer área de estudo. Romper com os essencialismos de estruturas hegemônicas que oprimem e dominam diferentes grupos sociais só se torna possível a partir de trabalhos conjuntos, em que os reflexões identitárias pode ser uma via. Assim, o objetivo deste trabalho, ao apresentar o método de (auto)narrativa de vida, possibilitou a materialização da experiência e história da Autora, produzindo a humanização de suas experiências, possibilitando um maior entendimento de desafios em que a pesquisadora precisará prosseguir em seus estudos. O método de (auto)narrativa de vida, enquanto instrumento autoetnográfico, amplia noções autobiográficas de histórias de vida e materializa evidências empíricas através de um instrumento reflexivo que não se baseia em verdades absolutas, mas sim por uma multiplicidade de elementos interculturais que aplicados ao contexto do caso. Além disso, este trabalho possibilitou a criação de um espaço reflexivo das experiências da Autora que demonstrou que suas vivências circunscrevem elementos políticos que pertencem a outras mulheres que eventualmente sofreram situações de violência e em muitos momentos encontram-se expostas somente enquanto objetos de estudos.

Ao longo do processo de análise, identificou-se que a melhor forma de expor o estudo aplicado seria a partir da análise dos trechos registrados, sinalizando o tempo de exposto com o recurso de notas de rodapé. Isso, para além de uma operação estilística, permitiu uma ilustração empírica do processo reflexivo da Autora e a preservação de sua identidade como sujeito analisado. Essa adoção promoveu a proteção de uma reexposição dos elementos que reconstruíram as identidades em um contexto de exposição à violência, mas acredita-se também sugerir um caminho de exposição a outros interessados em

---

<sup>20</sup> As informações podem ser encontradas durante o período de 52:15 às 53:01.



incentivar esse tipo de estudo na academia. Nesse sentido, visando à exposição do método, foi apresentado como se construir e aplicá-lo de maneira inclusiva a pesquisadoras interessadas.

Dessa forma, recomenda-se que o método de (auto)narrativa de vida seja utilizado como instrumento de análise autorreflexivo que permita aos pesquisadores ter protagonismo na construção e aplicação de suas investigações científicas. Espera-se também que, no contexto de pesquisadoras feministas racializadas, a aplicação desse método possa servir como uma ferramenta que ofereça elementos de elucidação de autoridade da experiência, fortalecendo os seus caminhos de investigação a diferentes outsiders que se encontram também na fronteira entre sujeitas e objetos de suas investigações.

## Referências

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro : Pólen, 2019.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro : Pólen, 2019.
- ALVESSON, M.; SKOLDBERG, K. **Reflexive Methodology: New Vistas For Qualitative Research**. London: SAGE Publications Ltd, 2017.
- BASILE, S. **Lignes directrices en matière de recherche avec les femmes autochtones**. Quebec, CANADA: Femmes autochtones du Québec Inc., 2012.
- BRUN, P. Le récit de vie dans les sciences sociales. **Revue Quart Monde**, v. 188, n. 4, 2003.
- CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Filosofia da educação)—São Paulo, Brasil: Universidade de São Paulo, 2005.
- CHINN, S. E. Performative Identities: From Identity Politics to Queer Theory. Em: **The SAGE Handbook of Identities**. 1 Oliver's Yard, 55 City Road, London EC1Y 1SP United Kingdom: SAGE Publications Ltd, 2010. p. 104–124.
- COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. 2nd. ed. [s.l.] Routledge, 1990.
- DORAIS, L.-J. La construction de l'identité. **Discours et constructions identitaires**, Culture française d'Amérique. p. 1–11, 2004.
- EMIRBAYER, M. Manifesto for a Relational Sociology. **American Journal of Sociology**, v. 103, n. 2, p. 281–317, set. 1997.



- ETTORRE, E. **Autoethnography As Feminist Method : Sensitising the Feminist “I”**. 1. ed. London: Routledge, 2016.
- HARDING, S. Standpoint Theories: Productively Controversial. **Hypatia**, v. 24, n. 4, p. 192–200, 2009.
- HOOKS, B. **Talking Back: thinking feminist - thinking black**. Toronto, Ont., Canada: Sheba Feminist Press, 1989.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano (Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism)**. 1.ed 2008 ed. [s.l: s.n.].
- LORDE, A. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. 1. ed. New York, NY: Crown Publishing Group, 1984. v. 3
- MONTGOMERY, C. Narratives as tools in intercultural intervention with immigrant and refugee populations. Em: AL-KRENAWI, A.; GRAHAM, J. R. (JOHN R., 1964-; HABIBOV, N. (Eds.). **Diversity and social work in Canada**. Don Mills, Ontario, Canada: Oxford University Press, 2016. p. 220–246.
- OYĚWÙMÍ, O. **Invention Of Women: Making An African Sense Of Western Gender Discourses**. First Edition ed. Minneapolis: Univ Of Minnesota Press, 1997.
- RIBEIRO, K. Filosofia Africana: afirmações epistemológicas de sua existência. Em: FIGUEIREDO, A. (Ed.). **Capim limão: ensaios sobre produção do conhecimento, material didático e outros textos**. Rio de Janeiro, Brazil: [s.n.]. p. 38–53.
- SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, n. 1, p. 214–241, 30 ago. 2017.
- SCOTT, J. Genre : Une catégorie utile d’analyse historique. **Les Cahiers du GRIF**, v. 37, n. 1, p. 125–153, 1988.
- SCOTT, J. W. The Evidence of Experience. **Critical Inquiry**, v. 17, n. 4, p. 773–797, 1991.
- SIMONET, P. J. Bruner. Pourquoi nous racontons-nous des histoires ? **L’orientation scolaire et professionnelle**, n. 34/2, p. 273–275, 15 jun. 2005.
- TYNAN, L. What is relationality? Indigenous knowledges, practices and responsibilities with kin. **cultural geographies**, v. 28, n. 4, p. 597–610, 1 out. 2021.